

# EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM UM HOSPITAL DE ENSINO: PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

UNIVERSITY EXTENSION COURSES AND PROFESSIONAL TRAINING AT A TEACHING HOSPITAL: PERCEPTION FROM NURSING STUDENTS

Catarina de Vasconcelos Pessoa <sup>1</sup>

Ângelo Brito Rodrigues <sup>2</sup>

Maria Socorro de Araújo Dias <sup>3</sup>

Antônia Siomara Rodrigues Silva <sup>4</sup>

## RESUMO

**A** discussão sobre as diferentes concepções de extensão universitária impulsionaram este estudo, que tem sua tipologia classificada como descritiva com caráter quantitativo. Buscou-se analisar a percepção de acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú que tenham participado de atividades de extensão no hospital de ensino. A coleta de dados ocorreu a partir da aplicação de um questionário estruturado, sendo a amostra de 71 estudantes. Os achados ressaltam que 39,4% dos estudantes compreendem extensão como sendo uma forma de retribuição à sociedade a partir de atividades com as pessoas, grupos e comunidades, em que 52,1% realizam atividades de extensão de forma voluntária. A carência de preceptores foi considerada o principal fator desmotivador da participação dos alunos em atividades de extensão em um hospital de ensino (50,7%). Dessa forma, ainda faz-se necessário repensar o papel da universidade enquanto fomentadora da atividade de extensão.

**Palavras-chave:** Estudantes de Enfermagem; Relações Comunidade-Instituição; Serviços de Saúde.

## ABSTRACT

**D**iscussion on the different conceptions of university extension courses prompted this study, which is classified as descriptive with quantitative nature. It sought to analyze the perception of students from the Nursing course at the State University 'Vale do Acaraú' who had participated in extension course activities at the teaching hospital. Data was collected with the use of a structured questionnaire; the sample was made up of 71 students. The findings point out that 39.4% of the students understand the extension course as a form of retribution to society from the activities with people, groups and communities; 52.1% of the students complete extension course activities in a voluntary manner. The shortage of preceptors was considered as the main discouraging factor for participation of students in extension course activities at a teaching hospital (50.7%). In this manner, it is still necessary to rethink the role of the university as the promoter of extension course activities.

**Key-words:** Nursing Students; Community-Institutional Relations; Health Services.

1. Enfermeira pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, atuando na gerência e assistência da Estratégia Saúde da Família; Pós-Graduada em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela UVA.

2. Enfermeira, Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará – UFC e Professor do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí Campus Amílcar Ferreira Sobral-Florianiano; Membro do Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LabSUS) UVA.

3. Enfermeira, Doutora em Enfermagem; Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA; Tutora do PET-SAÚDE.

4. Enfermeira Especialista em UTI Neonatal e Pediátrica.

## INTRODUÇÃO

A universidade é entendida como uma das maiores produtoras de cultura, uma vez que a própria vida acadêmica a considera na dimensão de todas as suas atividades, incluindo-se a pesquisa, o ensino e a extensão. Para que a extensão universitária possa ser construída efetivamente, é preciso que a comunidade reconheça a universidade como um dos espaços para o exercício do pensamento crítico da sociedade, devendo, para tanto, adentrar ao seu interior, de modo a estabelecer um processo de diálogo permanente entre ambas<sup>1</sup>.

Constituir o corpo discente da universidade e se beneficiar com uma atividade de extensão que proporciona exercício para uma prática profissional qualificando e contribuindo para o fortalecimento do vínculo com a comunidade, não fazendo “ação pela ação, fazer pelo fazer”, atendendo à demanda pautada em uma prática que tem como base o pensamento crítico são fatores relevantes que fomentam a opção e o desenvolvimento do presente estudo. Há, ainda, a necessidade de entender quais os fatores que motivam o aluno a procurar uma atividade dessa natureza, já que se trata de uma ação inserida no processo educativo, cultural e científico que se articula ao ensino e à pesquisa.

O termo extensão, por sua vez, entendido como a transmissão de conhecimento, é o ato ou efeito de estender, de ampliar, de desenvolver<sup>2</sup>. Partindo desse princípio, pode-se compreender esse processo como uma forma de transformar o mundo, de uma forma concreta e científica, significa modificar a cultura através do ato educativo. Diante do exposto e também a partir da observação empírica da realidade na qual estamos inseridos, desenvolveu-se alguns pressupostos acerca do papel da extensão na formação do estudante de enfermagem. No que diz respeito à formação em Enfermagem, notou-se um desejo do aluno em qualificar a prática acadêmica, tendo em vista que em algumas situações essa prática na graduação encontra-se aquém da almejada pelo estudante e exigida pelo mercado de trabalho<sup>3</sup>.

A Enfermagem tem na ação educativa e profissional o eixo fundamental no que se refere ao cuidado e à necessidade de identificar ambientes pedagógicos capazes de potencializar essa prática. É nesse contexto que se insere o hospital de ensino<sup>4</sup>. É concedida a denominação de hospital universitário, hospital-escola ou hospital de ensino aos hospitais com ensino universitário que, em cada um dos departamentos, serviços e unidades funcionais que participam nas atividades de ensino, satisfaçam determinados requisitos, nomeadamente a existência de um número significativo de médicos e equipe de enfermagem habilitados. O programa de certificação é regulado pela Portaria Interministerial MEC/MS nº 2400 de 02 de outubro de 2007. Essa portaria

*O termo extensão, por sua vez, entendido como a transmissão de conhecimento, é o ato ou efeito de estender, de ampliar, de desenvolver.*

estabelece os requisitos que um hospital deve preencher para ser considerado hospital de ensino, a partir de 4 dimensões: atenção à saúde, ensino, ciência e tecnologia e gestão<sup>5</sup>.

Logo, este trabalho teve como objetivo analisar a percepção de acadêmicos de Enfermagem sobre extensão universitária em um hospital de ensino, bem como identificar as variáveis que motivam o aluno a ser extensionista e como o mesmo avalia sua importância na capacitação profissional.

## METODOLOGIA

A tipologia deste estudo é descritiva com caráter quantitativo. O local escolhido para o estudo foi o Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), localizado no Centro de Ciências da Saúde, na avenida Comandante Maurocêlio Rocha Pontes, nº 150, Bairro Derby, Sobral-Ceará.

Os sujeitos escolhidos para o desenvolvimento do estudo foram os acadêmicos do Curso de Enfermagem da UVA, devidamente matriculados no semestre 2012.1 (no total de 365), que participassem de alguma atividade de extensão e que tivessem como *lôcus* o hospital de ensino. Compuseram a amostra 71 estudantes, tendo em vista ainda o critério de anuência em participar da pesquisa. A coleta de dados ocorreu nos meses de maio e julho de 2012.

Na etapa de exploração e coleta de dados, aplicou-se um questionário aos alunos, o que permitiu delimitar o tema abordado no decorrer da pesquisa. Para o presente estudo, foram utilizadas as variáveis relacionadas à participação de acadêmicos de Enfermagem nas atividades de extensão de um hospital de ensino. Antes da aplicação do questionário com os sujeitos da pesquisa foi oferecido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Pós-Informado.

Os dados foram tabulados no *software* EpiInfo, versão 3.5.1 em português. Utilizou-se a análise estatística descritiva a partir de números absolutos e proporcionais. Os resultados foram apresentados em tabelas e os achados da pesquisa analisados com base na bibliografia existente acerca do tema.

Esta pesquisa considerou os preceitos éticos envolvendo seres humanos conforme Resolução 466/12 do Conselho

Nacional de Saúde ao obter parecer favorável a sua realização com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), conforme parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa de número 19753.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos a distribuição da amostra segundo dados pessoais, observou-se que, na categoria faixa etária, 71,7% encontram-se entre 18 e 23 anos; 23,9% entre 24 e 29 anos e 4,2% entre 30 a 35 anos. A grande maioria da amostra, 73,2%, pertence ao sexo feminino. Quanto ao estado civil, 88,7% estão solteiros e 11,3% casados. Já na análise de outra variável, 91,5% não têm filhos e 87,1% não trabalham.

Na tabela 1, quanto à resposta sobre a concepção de extensão universitária, a categoria prevalecente, 39,4%, trata do conceito de extensão como uma forma de retribuição à sociedade a partir de atividades com pessoas, grupos e comunidades.

**Tabela 1** – Concepção de Extensão Universitária para estudantes do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, 2012.

Categoria	N	%	IC 95%
Forma de retribuição à sociedade a partir de atividades com as pessoas, grupos e comunidades	28	39,4%	28% - 51,7%
Aprendizado/prática extracurricular para o aluno	26	36,6%	25,5% - 48,9%
Composição do tripé da Universidade	08	11,3%	5% - 21%
Aperfeiçoamento profissional	06	8,5%	3,2% - 17,5%
Uma atividade que melhora/enriquece o currículo acadêmico	03	4,2%	0,9% - 11,9%
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>100,0%</b>	

Com relação à distribuição segundo remuneração na extensão universitária, 52,1% tinham feito como voluntários; 45% já tinham feito atividades de extensão pagas, bolsistas e voluntárias; 36,6% já tinham feito tanto voluntários quanto bolsistas; 11,3% somente como bolsistas, e 8,4% afirmaram ter participado somente de extensões pagas. É válido ressaltar que a possibilidade de resposta de mais de uma alternativa, nesta categoria, ultrapassa o total relativo de 100%.

Na tabela 2, com relação ao fator desencadeador de participação das atividades de extensão em um hospital de ensino, 63,4% referem-se à motivação para aprender sempre mais.

**Tabela 2** – Fator desencadeador de participação das atividades de extensão em um hospital de ensino para estudantes do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, 2012.

Variável	N	%	IC 95%
Motivação para aprender sempre mais	45	63,4%	51,1% - 74,5%
Engajamento em projetos de pesquisa e/ou convite de professores	12	16,9%	9% - 27,7%
Déficit de aprendizado durante a graduação	12	16,9%	9% - 27,7%
Necessidade de receber bolsa/remuneração	02	2,8%	0,3% - 9,8%
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>100%</b>	<b>--</b>

No entanto, na tabela 3, dentre os principais fatores que desmotivam a participação dos alunos em atividades de extensão em um hospital de ensino, a grande maioria, 50,7%, apontou a carência de preceptores. É válido ressaltar que a possibilidade de resposta de mais de uma alternativa, nesta categoria, ultrapassa o total relativo de 100%.

**Tabela 3** – Fatores que desmotivam a participação nas atividades de extensão em um hospital de ensino para estudantes do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, 2012\*.

Variável	N	%	IC 95%
Carência de preceptores	36	50,7%	38,6% - 62,8%
Número reduzido de bolsas ofertadas	25	35,2%	24,2% - 47,5%
Etapas do processo seletivo	16	22,5%	13,5% - 34%

\*Possibilidade de resposta de mais de uma alternativa; dessa forma, o total relativo e absoluto ultrapassa 100% e 71, respectivamente.

Referente à satisfação acerca das atividades de extensão desenvolvidas no hospital de ensino, 63,4% responderam que estas atividades ainda precisam ser melhoradas e 36,6% disseram que são boas, já satisfazem o aprendizado acadêmico.

Na tabela 4, dentre os fatores que precisam ser melhorados e/ou qualificados nas atividades de extensão em um hospital de ensino, 48,8% dos alunos responderam ser a falta de preceptores. Vale ressaltar que a possibilidade de resposta de mais de uma alternativa, nesta categoria, ultrapassa o total relativo de 100%.

**Tabela 4** – Distribuição dos aspectos que precisam ser melhorados nas atividades de extensão em um hospital de ensino para estudantes do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, 2012\*.

<b>Categoria</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Falta de preceptores	22	48,8%
Aumento do número de bolsas por estudante	09	20%
Melhoramento da metodologia e das aulas teórico/práticas	08	17,7%
Maior apoio/incentivo financeiro da Universidade	06	13,3%
Incompatibilidade da carga horária/ atividades de extensão com as aulas na Universidade	03	6,6%
Melhoramento/adequação do processo seletivo	01	2,2%
Demora na entrega de certificados referentes às atividades de extensão	01	2,2%
Garantia de acesso igualitário aos acadêmicos dentro do hospital de ensino	01	2,2%

\*Possibilidade de resposta de mais de uma alternativa; dessa forma, o total relativo e absoluto ultrapassa 100% e 71, respectivamente.

Quanto à distribuição dos vários tipos de atividades desenvolvidas em um hospital de ensino, a grande maioria afirmou ter participado da extensão em Gineco-Obstetrícia, com 54,9% das respostas. É importante enfatizar que a possibilidade de resposta de mais de uma alternativa, nesta categoria, ultrapassa o total relativo de 100%.

**Tabela 5** – Distribuição das atividades de extensão em um hospital de ensino para estudantes do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, 2012\*.

<b>Categoria</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Gineco-Obstetrícia	39	54,9%
Hipertensão e Diabetes	24	33,8%
Organização de Procura de Órgãos	18	25,3%
Neonatologia e Maternidade	10	14%
Bolsista de projeto de pesquisa-ação da SCMS	08	11,2%
Acolhimento	07	9,8%
Curso de Urgência e Emergência	05	7%
Comissão de Combate à Infecção Hospitalar	04	5,6%
Saúde da Mulher	02	2,8%

\*Possibilidade de resposta de mais de uma alternativa; dessa forma, o total relativo e absoluto ultrapassa 100% e 71, respectivamente. Por fim, é válido ressaltar que referente à participação nas atividades de extensão do hospital de

ensino, 40,8% participaram de somente uma atividade de extensão, 15,4% de duas e 12,6% de três ou mais atividades.

Assim, tendo em vista o que foi descrito, nota-se que não é possível pensar a mudança na formação dos profissionais de saúde sem a discussão sobre a articulação ensino-serviço, considerando-a um espaço privilegiado para uma reflexão sobre a realidade da produção de cuidados e a necessidade de transformação do modelo assistencial vigente em um modelo que considere como objetivo central as necessidades dos usuários.

Para que seja possível construir um novo modo de organizar e praticar a atenção à saúde, é preciso um novo perfil de trabalho e de trabalhadores. A formação e a qualificação dos profissionais da saúde devem ser orientadas pelas necessidades da população. Logo, não cabe mais uma relação distanciada e cerimoniosa entre o ensino e o serviço. Ao contrário, é necessária uma articulação estreita, tendo em vista a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho. Esta transformação pressupõe trabalho em equipe, acolhimento dos usuários, produção de vínculo entre eles e as equipes, responsabilização com a saúde individual e coletiva, atendimento das necessidades dos usuários, assim como resolubilidade dos problemas de saúde detectados.

Discutir a formação em saúde implica tematizar o ensino, particularmente no âmbito da graduação nas profissões da área da saúde. Dentre os aspectos relevantes para confrontar a universidade hoje está o questionamento quanto ao espaço e tempo disponibilizados para a criatividade, à flexibilidade nos seus ordenamentos e à integração dos conhecimentos, aspectos fundamentais para a formação de profissionais “pensantes”, objetivo insubstituível da universidade<sup>6</sup>.

A saúde coletiva privilegia nos seus modos de análise quatro focos de tomada de decisão: as políticas (formas de distribuição do poder, eleição de prioridades, perspectivas de inclusão social e visão de saúde); as práticas (ações institucionais, profissionais e relacionais, permeabilidade às culturas, produção de conhecimento); as técnicas (organização e regulação dos recursos e processos produtivos) e os instrumentos (os meios para a intervenção). As ações da saúde coletiva têm como eixo norteador as necessidades sociais em saúde e, nesse sentido, preocupam-se com a saúde do público, sejam indivíduos, grupos étnicos, gerações, classes sociais ou populações<sup>7</sup>.

Cabe à saúde coletiva contribuir para que tomemos posse dos saberes e práticas que podem potencializar a mudança do quadro atual predominante, que não se restringe ao conhecimento técnico ou à ciência, mas contempla a percepção e o exercício do poder que nos impulsiona para a construção de projetos de vida, de liberdade e de felicidade,

com a viabilização de nossos sonhos pessoais e profissionais por saúde.

No caso da extensão, o que percebemos é que ela produz conhecimento a partir da experiência e assim tem uma capacidade de narrar sobre o seu fazer. Assim, a forma de produção da narrativa não pretende ser verdadeira objetivamente, mas ser também subjetiva. Além disso, o que se verifica na extensão é um fazer que sempre pressupõe a presença de um outro que não é somente o aluno ou professor, mas um ouvinte<sup>8</sup>.

Para ser emancipatório, além de deixar de ser objeto, é preciso que o processo de ensino-aprendizagem permita que os sujeitos “caminhem com as próprias pernas”, questionem porque conhecem ou desconhecem, saibam agir e intervir, sejam capazes de crítica e de projetos próprios, em que o professor é um orientador do processo de questionamento dos sujeitos envolvidos. O conhecimento emancipador não despreza a técnica em prol da ideologia, mas une as duas para produção de um novo conhecimento, mais humano, mais cidadão, mais centrado nas questões cruciais do mundo à sua volta<sup>9</sup>.

O propósito de empreender um estudo sobre as características dos projetos de extensão, dentre elas o potencial emancipador das propostas, nos remete àquele conhecimento que pensa as consequências de seus atos, que a relação sujeito-objeto é substituída pela reciprocidade entre os sujeitos e onde a solidariedade e a participação estão presentes. O conhecimento e emancipação, ao tornar-se senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que tal como o conhecimento deve traduzir-se em autoconhecimento, o desenvolvimento deve traduzir-se em sabedoria de vida<sup>10</sup>.

A construção de uma nova universidade no Brasil sintonizada e comprometida com os problemas cruciais da sociedade precisa na verdade da reforma de pensamento, ela precisa ser projetiva e emancipatória, deve cultivar a razão crítica, a arte de gestar, alimentar e gerir os valores inalienáveis da condição humana: o direito à vida, à informação, aos benefícios do progresso, da cultura e da felicidade. O produzido dentro dela, a partir de uma convergência de vários saberes, não pode ser tido como coisa privada. Os projetos de extensão, vistos como uma das formas de aprendizagem, devem contribuir para a implementação dos quatro pilares da educação contemporânea, ou seja, aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer<sup>11</sup>.

A formação da consciência crítica não está diretamente relacionada somente à formação teórica, e sim de como as relações são estabelecidas dentro dos projetos. No conjunto, temos diferentes formas e graus de apropriação, pelos grupos, dos conhecimentos produzidos nas experiências. Estas características de apropriação têm traços emancipatórios e

## *É visível também o grau de compromisso dos alunos com o trabalho desenvolvido e a capacidade de falar sobre ele.*

de autonomia, o que demonstra o cuidado com o outro e com a comunidade, significando que a universidade sai e leva o conhecimento produzido dentro dela à comunidade.

A maioria dos trabalhos realizados enfoca o processo de construção histórica da extensão e sua inserção dentro da Universidade como uma terceira função, além do ensino e da pesquisa. Porém, poucos são aqueles que investigam a prática dos projetos, seu dia a dia, sua influência no processo de formação dos discentes e sua contribuição para a consolidação de um campo de conhecimento específico e das consequências dessas práticas acadêmicas<sup>12</sup>.

Garantir que os alunos se apropriem de maneira significativa, crítica, criativa e duradoura do conhecimento acumulado, considerado fundamental, possibilita a geração de novos conhecimentos, a construção da cidadania e a transformação da realidade.

No processo pedagógico que se quer crítico-reflexivo, é fundamental a mobilização para o conhecimento, a construção do conhecimento, a elaboração e expressão da síntese do conhecimento, e isto acontece quando se propiciam espaços para desenvolvê-los, quando se vivenciam práticas significativas em sala de aula, quando há oportunidades de relacionar o conhecimento e a educação com a realidade profissional, política, econômica e social<sup>13</sup>.

Se à Universidade cabe preparar os cidadãos do futuro em uma perspectiva crítica, capazes de questionar o mundo e de enfrentar os desafios colocados por ele, é também ela o espaço democrático e permanente da aprendizagem. Durante o desenvolvimento do projeto, foi possível perceber a capacidade em contribuir para o amadurecimento e formação cidadã do aluno. O contato do aluno com a comunidade externa é relatada como uma experiência que talvez não fosse possível se somente cursassem as disciplinas tradicionais de seu curso. É visível também o grau de compromisso dos alunos com o trabalho desenvolvido e a capacidade de falar sobre ele. A ênfase dada pelos alunos diz respeito ao aprendizado da vida, de cidadania, de relações mais horizontais entre profissionais e usuários<sup>14</sup>.

## **CONCLUSÃO**

Acreditamos que cada vez mais os graduandos em Enfermagem expressam o desejo de aprimorar e qualificar sua

prática profissional através das atividades proporcionadas pela extensão no hospital de ensino. Entretanto, por vezes, a própria universidade limita-o, havendo certo “desencorajamento” em virtude, principalmente, da falta de preceptores, pouca oferta de bolsas, dificuldade nos processos seletivos e para conciliar horários, tendo em vista que o curso, na maioria das vezes, é integral, o que também aumentou a dificuldade em encontrar os grupos de acadêmicos para a coleta de dados.

Consideramos importante o desenvolvimento de pesquisas referentes a este tema, haja vista a sua dimensão no aprendizado e prática do aluno com a sociedade. As atividades de extensão universitária, em uma perspectiva acadêmica, têm a pretensão de ir além dos limites da ciência técnica, do currículo fragmentado e da visão assistencialista do homem. A assistência social pura e simples, que se dá a partir do atendimento às demandas sociais, por intermédio da prestação de serviços, não tem o caráter transformador necessário para atender aos imperativos da ética, da sustentabilidade e da interdisciplinaridade, apesar da sua relevância do ponto de vista humanitário.

Este estudo possibilitou avaliar a percepção dos acadêmicos sobre o tema em questão discutindo o papel da extensão. Para que a mesma ocorra de uma maneira plena e efetiva, é fundamental não somente a existência de orçamento específico para a extensão, mas que seja devidamente institucionalizada nas práticas universitárias, com ações que darão suporte e importância às práticas extensionistas, efetivando assim uma maior visibilidade e credibilidade, o que justifica a relevância da extensão para a formação plena e qualificação profissional do aluno.

Logo, realiza-se um trabalho objetivo, de coparticipação, que traz consigo as tensões de seus próprios componentes em ação e da própria realidade. Um trabalho em que se definem objetos de pesquisa para a realização e construção desse conhecimento visando à transformação ou reformulação de verdades estabelecidas.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Resolução nº 005/CUn/98 de 04 de agosto de 1998. Conselho Universitário 2006.
2. Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1996.
3. Parente JRF. Planejamento participativo em saúde. *Sanare* 2011; 10(1):54-61.
4. Médice AC. Hospitais universitários: passado, presente e futuro. *Rev Ass Med Brasil* 1994; 47(2):149-56.

5. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial nº 2400 de 02 de outubro de 2007. *Diário Oficial da União* 2007.
6. Albuquerque VS, Gomes AP, Rezende CHA, Sampaio MX, Dias OV, Lugarinho RM. A integração ensino-serviço no contexto dos processos de mudança na formação superior dos profissionais da saúde. *Rev Bras Educ Med* 2008; 32(3):356-62.
7. Ceccim RB, Carvalho YM. Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a Saúde. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, Abrasco; 2005. p. 161-80.
8. Demo P. Aprender bem/mal: aprendizagem, políticas educacionais e avaliação. Campinas: Autores Associados; 2009.
9. Demo P. Educar pela Pesquisa. 4ª ed. Campinas: Autores Associados; 2000.
10. Santos BS. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 3ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.
11. Morim E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.
12. Tavares MGM. Extensão universitária: novo paradigma de Universidade? Alagoas: Edufal; 1997.
13. Sordi MRL, Bagnato MHS. Subsídios para uma formação profissional crítico-reflexiva na área da saúde: o desafio da virada do século. *Rev Lat Am Enfermagem* 1998; 6(2):83-8.
14. Sordi MRL. A Complexidade das relações sociais na escola: problematizando as resistências ao processo de avaliação institucional. In: Souza ES, Sordi MRL, organizadores. A avaliação como instância mediadora qualidade da escola pública. Campinas: Millennium; 2009. p. 35-42.

Recebido em 02/04/2014 Aprovado em 03/12/2014

